

4. Considerações finais

Ao longo deste estudo percebemos como os autores selecionados para a sua reflexão e desenvolvimento, estabeleceram aproximações e distanciamentos diante do mesmo objeto: a construção de um modelo, ou ideal de conduta, pelos gregos dos séculos VI e V. Constatamos também que esta construção é permeada por dois aspectos principais: φήμη (rumor) e λόγος (razão).

O primeiro, constituído do conjunto das narrativas e de toda uma tradição que conforma a *paidéia* grega, dá origem aos mitos; o segundo, é formado por aquilo que se denomina o pensamento racional, também traduzido como discurso, ou palavra. Um não está separado do outro; hora afastando-se, hora, aproximando-se, ambos expressam o movimento realizado pelo homem grego na formação das cidades, das instituições, da ordenação dos espaços, nas práticas imbricadas no universo social e político.

No distanciamento que o λόγος estabelece em relação aos mitos, observamos a preeminência do pensamento racional que, contudo, foi equilibrada pela existência dos “rumores”, ainda arraigados às práticas do cotidiano dos homens, sobretudo no que se referia às religiosas. As obras de homens como Sólon, Clístenes, Tucídides, entre outros citados ao longo do estudo, mesmo afastadas do *mythos*, traziam em seu bojo marcas desta tradição, constituídas dos valores morais cujos modelos vinham da *Iliada*, da *Odisséia* e dos mitos hesiódicos. Entre essas, a φιλία, a *areté*, a *isonomia* e a *sophrosýne*. Assim também como os modelos que não eram tolerados, para que houvesse uma garantia da unidade da cidade: os excessos, a violência, o crime, o fausto, a ὕβρις.

Com o estudo das práticas religiosas vimos que a relação dos homens com os deuses era também permeada por estes dois aspectos. Os cultos e ritos, nos quais a *thysía* (sacrifício) tinha um papel central, marcavam não só a fronteira entre o homem e o divino, mas também os limites dos excessos e da medida dos homens, expressos na fundação dos territórios e da própria identidade dos gregos. Para apontá-lo, destacou-se a autoctonia como aspecto determinante na alteridade

grega; marcas da constituição de valores e regras que lançam para fora das fronteiras do *mesmo* todos aqueles que não são reconhecidos como tais.

Neste sentido, constatamos que o dionisismo figurava nesta ordenação das práticas religiosas da *pólis*, um fenômeno marginal à ordem fixada. Apesar de fazer parte dos ritos cívicos, o dionisismo se movimentava à margem do calendário religioso oficial. Nele, os autores se referiam ao deus Dioniso como o *outro*; aquele que vem de fora, trazendo a marca do estrangeiro, mas também grego e neste sentido, partido, ambíguo. No estudo traçado acerca de suas origens – nos mitos e nas representações dos gregos – Vernant e Detienne referem-no como patrono da tragédia Ática, personagem das βάρκχαι de Eurípides e deus do panteão helênico.

Na tragédia euripideana, o dionisismo mostra a tensão entre a razão e os excessos na sua face mais violenta. Tensão esta, que resulta das motivações conflitantes no homem que é cidadão, soldado e suplicante. Do conjunto das casas, tribos, fratrias, o coração da *pólis* está simbolizado na lareira central no Pritaneu (*Hestia-koiné*); mas também expresso nos fogos acesos nos altares mais distantes, fora de seu alcance. As práticas sociais das quais se constituem os dois exemplos, conformam o homem nos extremos deste universo agônico que é o grego. Neste sentido, não teria Eurípides concluído sua obra questionando esta tensão?

Na Tebas trágica, sítio onde a desmedida humana figura sua face mais aterradora, a infâmia leva à impureza, à morte e ao exílio na barbárie. Atenas assiste à Tebas das βάρκχαι no teatro, que é o lugar onde todos os cidadãos, mulheres, velhos e estrangeiros da *pólis* se reúnem. Ali, amplificados na voz do herói trágico, os sussurros e rumores do que poderia acontecer, caso as escolhas se afastassem do justo meio, são ouvidos por todos. Rumores daquilo que está entre a razão absoluta e imutável, e a cegueira completa da fúria desmedida dos impulsos e da loucura.